

Maílson admite erro e se desculpa

Berlim Ocidental — Nunca o ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, foi tão assediado pela imprensa brasileira como ontem. Quase todos os repórteres enviados à Alemanha para a cobertura da reunião anual do FMI e do Bird haviam confiado cegamente numa informação dada por ele, no dia anterior, *off-the-record* ou seja, sob o compromisso de não citar a fonte ao divulgá-la. Ontem, eles descobriram que ela estava completamente errada.

Os jornalistas exigiam do ministro uma explicação para o equívoco que cometaram e que foi publicado nos jornais de ontem. Por força do acordo feito com Nóbrega, os repórteres haviam assumido a informação transmitida por ele sem atribuí-la ao seu gerador. A explicação só foi obtida à noite, du-

rante uma recepção oferecida pelo governo da Alemanha Ocidental: “Desculpem-me: errei” — admitiu Maílson da Nóbrega a alguns repórteres.

Quando lhe perguntaram, no dia anterior, se conhecia algum detalhe do plano de ajuda aos países endividados que o Japão anunciaria ontem, depois de vários meses de mistério a respeito, o ministro brasileiro fez uma “revelação”: “Eles vão aumentar a reserva que tinham destinado para empréstimos ao exterior. Ela vai passar de US\$ 25 bilhões para US\$ 50 bilhões” — afirmou Maílson.

Notícia velha

Tratava-se, na verdade, de uma notícia velha — ainda que parecesse uma grande novidade ao ministro e aos jornalistas desprevenidos. Afinal, há três meses, o seu colega

japonês Kiichi Miyazawa, anunciou em Toronto, no Canadá, que estava duplicando (para US\$ 50 bilhões) um projeto chamado da (assistência oficial ao desenvolvimento) ao qual vários países podem se candidatar. Esse plano já estava em vigor mas, ao que tudo indica, Maílson da Nóbrega não o conhecia.

Esse incidente motivou que a maioria dos jornalistas brasileiros alardeasse, na edição de ontem, que o país poderia pleitear empréstimos de até 50 bilhões. “Isso é um absurdo” comentou a Agência Globo um dos assessores do Banco Central japonês. “Afinal, essa quantia é quase igual a do superavit comercial do Japão. O país jamais comprometeria esse ganho desta forma”.